

Barragem Do Banguê: Memória e História do Município de Assaré No Ceará

Banguê Dam: Memory And History Of The Municipality Of Assaré In Ceará.

Presa De Banguê: Memoria e Historia Del Municipio de Assaré En Ceará.

Maria Ismênia Leite de Sousa

Mestranda em Educação, URCA, Crato-CE, Brasil.
ismenialeite.2020@gmail.com

Henrique Cunha Júnior

Professor titular da Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza, Brasil.
hcunha@ufc.br

RESUMO

O presente estudo trata sobre as memórias de construção da Barragem Banguê enquanto determinante na produção civilizatória da história de Assaré, vinculada ao protagonismo da população negra do lugar. A pesquisa tem como objetivo estudar o uso de técnicas e tecnologias de base africanas na formação das cidades pertencentes ao Cariri cearense. A Barragem Banguê, um reservatório hídrico artificial construído em meados do século XIX, com o trabalho utilizado de mão de obra escravizada, mas que foi reconhecida na história do lugar enquanto de autoria do colonizador. Para realização da pesquisa foi utilizado a metodologia das afrodescendências, associada a história oral com uso de entrevistas narrativas com moradores detentores de conhecimentos sobre a formação do bairro Alto de Banguê. Diante das ideologias impostas pelo eurocentrismo no arcabouço da origem das cidades do interior cearense, há um desconhecimento em identificar o pertencimento afrodescendente na produção das cidades. Desta forma, o nosso interesse em apresentar possibilidades de desenvolvimento de um ensino de geografia, utilizando as espacialidades do lugar na produção do território vinculado ao passado escravista local, positivando o pertencimento da população negra na origem do município.

PALAVRAS-CHAVE: Barragem Banguê. Afrodescendência. Cidade de Assaré.

SUMMARY

The present study deals with the memories of the construction of the Banguê Dam as a determinant in the civilizing production of the history of Assaré, linked to the protagonism of the black population of the place. The research aims to study the use of African-based techniques and technologies in the formation of cities belonging to Cariri Ceará. The Banguê Dam, an artificial water reservoir built in the mid-19th century, using the work of enslaved labor, but which was recognized in the history of the place as being created by the colonizer. To carry out the research, the methodology of Afro-descendants was used, associated with oral history with the use of narrative interviews with residents who had knowledge about the formation of the Alto de Banguê neighborhood. Given the ideologies imposed by Eurocentrism in the framework of the origin of cities in the interior of Ceará, there is a lack of knowledge in identifying Afro-descendant belonging in the production of cities. In this way, our interest in presenting possibilities for developing geography teaching, using the spatialities of the place in the production of the territory linked to the local slave past, positive the belonging of the black population at the origin of the municipality.

Keywords: Banguê Dam. Afro-descent. City of Assare.

RESUMEN

El presente estudio aborda las memorias de la construcción de la Represa de Banguê como determinante en la producción civilizadora de la historia de Assaré, vinculada al protagonismo de la población negra del lugar. La investigación tiene como objetivo estudiar el uso de técnicas y tecnologías de origen africano en la formación de ciudades pertenecientes a Cariri Ceará. La Presa de Banguê, un depósito de agua artificial construido a mediados del siglo XIX, utilizando el trabajo de mano de obra esclavizada, pero que fue reconocido en la historia del lugar como creado por el colonizador. Para realizar la investigación se utilizó la metodología de los afrodescendientes, asociada a la historia oral con el uso de entrevistas narrativas a pobladores que tenían conocimientos sobre la formación del barrio Alto de Banguê. Dadas las ideologías impuestas por el eurocentrismo en el marco del origen de las ciudades del interior de Ceará, existe un desconocimiento en la identificación de la pertenencia afrodescendiente en la producción de las ciudades. De esta manera, nuestro interés en presentar posibilidades para desarrollar la enseñanza de la geografía, utilizando las espacialidades del lugar en la producción del territorio ligada al pasado esclavista local, positiva la pertenencia de la población negra al origen del municipio.

Palabras clave: Presa de Banguê. Afrodescendiente. Ciudad de Assare.

1 INTRODUÇÃO

O histórico de desigualdades presentes na formação das cidades pertencentes ao interior do Nordeste brasileiro, decorrente da ausência de água, vem provocando as autoridades a pensar cada vez mais estratégia de convivência nesta região. Uma região que apresenta a predominância do clima semiárido, com duas estações definidas ao ano: seca e chuvosa. Assim, os estados pertencentes a esta região apresentam uma dinâmica geográfica em sua divisão política com poucas áreas com predominância de abundância de água apropriada para o consumo.

Entretanto, o Ceará apresenta um histórico de enfrentamentos aos recorrentes períodos de secas que se estendem com mais intensidade em algumas regiões do Estado. Em meio aos ambientes secos existem pontos como o Cariri cearense e as regiões serranas que apresentam maior predominância de água. Desta forma, a cidade de Assaré, pertencente a região do Cariri cearense, esta situada mais precisamente ao norte da chapada do Araripe, apresenta a predominância de um clima semiárido quente com curtos períodos de chuvas e longos períodos de secas, apresentando um aspecto geográfico semelhante a região de Sertão.

A topografia de algumas áreas onde esta localizada a cidade de Assaré, permite a captação de água que garanta o abastecimento e convivência no lugar. Assim, a construção de reservatórios artificiais, como barragens e açudes tem sido um dos métodos mais antigos utilizados para captação de água no abastecimento e desenvolvimento do lugar desde seu povoamento que remete ao período colonial.

Desta forma, a formação geográfica da cidade, apresenta em seu entorno, pontos altos com a presença de pequenos rios (riachos), que reunidos permitiu a construção de uma barragem de proporções significativa e que a partir dessa construção foi intensificando a formação urbana da cidade. A barragem Bangüê um importante reservatório hídrico artificial construído mais precisamente no ano de 1842, muito antes da emancipação política do lugar que veio a ocorrer no ano de 1865, sendo a barragem um dos fatores que assegurou a localização urbana da cidade naquela espacialidade geográfica.

Em decorrência do crescimento populacional em meados do século passado, aumento de construções civis na área urbana do lugar e da ausência de planejamento no desenvolvimento da cidade, o lençol freático da Barragem foi sendo poluído, decorrente dos esgotos das residências que foram destinados para suas margens. A partir da construção da Barragem foi concentrando construções de residências em seu entorno e em suas margens. Há uma diversidade estrutural no desenvolvimento dessas construções que foram originando as ruas no centro da cidade e na formação dos bairros próximos a cidade, a exemplo o bairro, alto do Banguê.

A barragem até a segunda metade do século XX, foi de grande importância para a população urbana do lugar, teve grande relevância cultural, social e econômica na produção de renda com pessoas fazendo uso dessas águas para sustento da família. Entre essas pessoas existiu a profissão das lavadeiras, mulheres que contribuíam no sustento da família na lavagem de roupas das residências de família de maior poder aquisitivo da cidade e de homens pescadores. Além de suas margens tornarem-se importante espaço de lazer com realização de banhos em períodos chuvosos, como cita os entrevistados rememorando o antigo beco dos couros. Uma área que no passado, o seu solo foi tornando-se valioso com sua fertilidade na

produção agrícola do lugar e que na atualidade apresenta-se como espaço tomado por construções de grande estrutura. A primeira construção naquela área, sendo a rodoviária pública do município.

Diante da poluição das águas da barragem, durante os anos em que compreende as décadas de 1980 e 1990 foram de ausência de água potável para a população urbana do lugar, em que os moradores compravam tambores de águas em caminhões pipas para o consumo semanal, período de muitas dificuldades. Diante da ausência de água potável, e os longos períodos de secas, ocasionando a migração da população do lugar para outras regiões de país e muito sofrimento para convivência neste lugar. Assim, no ano de 1994 através dos governos municipal, estadual e federal, iniciou-se a construção de outro reservatório hídrico artificial no lugar, a Barragem Canoas, que foi concluída no ano de 1999.

No entanto, a área onde concentrava o porão da barragem (área de risco) vem sendo tomada por construções de pequeno porte. No ano de 2017, diante de um inverno que alagou a cidade, o gestor municipal ordenou que fosse demolido o que restava da parede da barragem não consultando moradores do bairro. Na atualidade, o seu solo representa território de desigualdades espaciais, restando às ruínas da barragem, e a memória histórica afetiva da população, os quais muitos deles fizeram parte do processo de uso e transformação da barragem.

2 OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo estudar o uso de técnicas e tecnologias de base africanas na formação das cidades pertencentes ao Cariri cearense.

3 METODOLOGIA

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O Histórico da origem do município de Assaré remonta o século XVIII e nos aponta duas vertentes pelas quais foi responsável pelo processo de ocupação e povoamento nos sertões brasileiros, até se chegar ao local, onde hoje é a cidade de Assaré. A primeira está relacionada à chegada da notícia em Portugal de que no interior brasileiro havia ouro em abundância e a segunda foi quando levas de pecuaristas baianos e pernambucanos desciam seus rebanhos em busca de terras desocupadas, tendo como alvo perseguido as capitânicas do Ceará, Piauí e Maranhão.

A busca do metal precioso, nas ribanceiras do Rio Salgado, trouxe para a região do Sertão do Cariri, as invasões pelos dominadores europeus. Em que este receberam doações de terras, decorrente do sistema utilizado pela coroa portuguesa para povoar o interior brasileiro. As sesmarias, que hoje formam Assaré, foram doadas aos irmãos: José Alves Feitosa e Lourenço Alves Feitosa, que já detinham a concessão das sesmarias dos Sertões dos Inhamuns.

Até o ano de 1775, o local onde assenta a cidade de Assaré não era povoado em suas adjacências, num raio de três léguas, consistindo apenas em um campo nu de vegetação, à exceção de algumas carnaubeiras e moitas de "pereiros", uma ou outra oiticica às margens de pequenos regatos que sulcam o terreno e correm no inverno; e mais uma infinidade de pequenos olhos-d'água, nas encostas da serra e nas gargantas

e cachoeiras e a soberba pastagem nas várzeas, tornavam-no apropriado para a criação em geral.

(cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/historico)

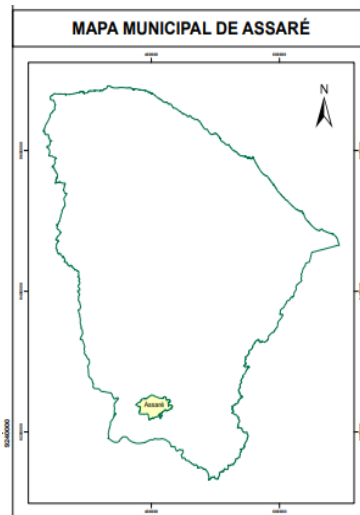
Naquele ano Alexandre da Silva Pereira, filho de Manoel da Silva um português, adquirindo as terras do local e adjacências, veio estabelecer-se com a família, criação e escravatura, à margem do regato mais volumoso da região, ficando-lhe ao norte a várzea de carnaubal, e ao sul, os campos de "lagoa da pedra".

A localidade de Assaré, um lugar estratégico para desenvolvimento comercial, pois cruzavam as mais movimentadas estradas da época: a Cariri - Inhamuns com o Piauí - Sertões do Baixo (Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte); resultando um “pouso certo” e confortável para os viajantes que aproveitavam as ocasiões para transações, transformando a fazenda em entreposto comercial.(IBGE, 2024)

A sede do município está localizada ao Sul do Ceará, ficando a uma distância da Capital Fortaleza aproximadamente 520 km sendo 340 km na BR 116 e CE 060 e 160 km na CE 375 e situa-se nas coordenadas geográficas: 6º 52' 28" de latitude Sul e 39º 52' 30" de Longitude Oeste, estando localizado a 470 m de altitude. (IPECE, 2017).

O município de Assaré possui uma área territorial de 1.155.124 Km² e está inserido predominantemente no bioma caatinga, pertencente a região do Cariri cearense mais precisamente localizado ao norte da Chapada do Araripe, suas fronteiras são os municípios de Antonina do Norte e Tarrafas, ao norte; Santana do cariri, Potengi, ao Sul; Altaneira e Farias Brito, a leste; Campos Sales a oeste. (IPLANRE/1997). De acordo com o último Censo Demográfico (2022), a população de Assaré é de 21.697 habitantes.

Figura 01: Mapa do Estado do Ceará com o município de Assaré.



Fonte: <https://www.ipece.ce.gov.br>

O mapa acima apresenta a ocupação do território onde hoje está situada a cidade de Assaré, um território que teve sua ocupação formal vinculada ao processo de formação das cidades do semiárido nordestino, no século XVIII, em que predominava no país o período colonial.

O vilarejo foi desenvolvendo-se economicamente nas dinâmicas da pecuária e da agricultura. Assim, a doação de sesmaria favoreceu o povoamento das cidades na região do

Cariri cearense sobre o domínio português na exploração de mãos de obra escravizadas para produção do trabalho na civilização desses territórios, sendo que o legado da população negra não foi considerada na história do lugar, sendo uma história silenciada, invisibilizada diante de ideologias eurocêntricas que fundamentaram a origem desses territórios.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O recorte geográfico desta pesquisa é a área urbana da cidade de Assaré-CE, diante da ausência de registros biográficos sobre o histórico de construção do reservatório e uso do mesmo na sociedade local, sendo uma obra que faz parte das memórias do lugar vinculada ao uso de técnicas e tecnologias africanas desenvolvidas através do trabalho realizado com uso de mão de obra escravizada, propiciando a urbanização do lugar. Na história oficial tratando do desenvolvimento urbano de Assaré, há uma ausência de conhecimento sobre a construção do reservatório vinculado ao passado escravista da cidade. Para desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se da metodologia das afrodescendências, ancorada nos estudos de Cunha Júnior (2001), associada a história oral com uso de entrevistas narrativas para coleta de dados durante o trabalho de campo na valorização de conhecimentos e vivências dos moradores mais antigos da localidade (Alto do Banguê) sobre o histórico de formação e transformação do território a partir da existência da barragem.

Com o objetivo de melhor organizar o que foi coletado durante a pesquisa com levantamento de dados e informações sobre o trabalho de construção da barragem e desenvolvimento das espacialidades do lugar a partir do reservatório, foi organizado por meio categorias/temas a partir de etapa da análise do conteúdo apontada por Bardin (2009). O método utilizado para esta pesquisa se configura em estudo empírico, cumprindo três etapas para conclusão da busca para realização e aprofundamento do estudo que se deu da seguinte forma: da fase exploratória; do trabalho de campo e análise do tratamento do material empírico coletado. Uma construção de acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2007) que não se pretende aplicá-las de forma definida, mas que se complementem de acordo com cada etapa investigativa para aprofundamento e visibilidade dessa área urbana na educação básica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM E OS IMPACTOS SÓCIOAMBIENTAIS

A construção da barragem no ano de 1842, foi diante das pressões exercidas por fazendeiros nas regiões de distritos daquela localidade, que almejavam desenvolver a urbanização do povoado a partir de suas fazendas. A barragem foi construída no local do riacho do Banguê, uma área estratégica do lugar, recebendo um volume considerável de águas de pontos altos da cidade, desaguando naquela localidade.

Figura 02: Encontros dos riachos na formação da Barragem Banguê



Fonte: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2021/12/mapas_municipais_Assare_2021.pdf

A imagem do mapa acima apresenta os riachos que deságuam na área onde foi construída a barragem. Assim a barragem tinha capacidade para abastecimento da cidade em até dois anos consecutivos em caso de períodos de secas.

Sobre o responsável pela construção não há documentos biográficos com nomes de engenheiros ou mestres de obra no processo da construção da barragem. Diante de sua capacidade de água e local, compreende que a construção do reservatório se deu por alguém que entende sobre construção de barragens, diante da localidade estratégica e da estrutura da parede, resistindo do ano de 1842 a 1917, ano em que a parede rompeu pela primeira vez, como informa o Senhor Djacir Augusto antigo morador daquela localidade e proprietário de terras próximas a barragem.

Sobre as construções de barragens, uma técnica utilizada de origem do continente africano, conforme explica Rodney (2022). “As dinastias subseqüentes dos aiúbidas e dos mamelucos também foram muito importantes, em especial por promoverem a construção de canais, barragens, pontes e aquedutos e estimularem o comércio com a Europa”. Assim, sendo a construção de barragens estratégia de relações geográficas.

Como se sabe na história de povoamento do lugar ter sido povoado com a presença de escravizados trazidos na comitiva do fazendeiro e por ser a construção de barragens uma técnica que já era utilizada no continente africano, a construção da barragem Banguê não foi reconhecida na história do lugar em seu pertencimento étnico-espaçial. O que se sabe através da história oral narrada por moradores antigos daquela localidade, é que a obra tornou-se reconhecida na história do lugar, como de autoria do colonizador na época da construção, o mesmo estava com idade de 93 anos e por ter sido realizada sobre o seu domínio.

A construção da barragem Banguê foi determinante para continuidade da localidade da área urbana do lugar. Em decorrência da causa que tramitava na justiça, retardou o processo de emancipação política do município que após a causa ser julgada no ano de 1863, através de plebiscito popular com um resultado dando ganho de causa para Alexandre, já falecido nesse período. Sobre a participação da comunidade na consulta pública, Melo (2019) informa. “o voto era facultado apenas para alfabetizados”. A grande massa da população era formada por analfabetos e escravos não votantes. Naquela época, as mulheres também não tinham direito

ao voto”. Diante do que informa o autor, a população de Assaré nesse período era composta em sua maioria por analfabetos, escravizados e mulheres, pessoas a quem lhes foram negados direitos básicos ao exercício da cidadania, um período em que predominava no país o sistema imperialista com predominância do patriarcalismo. Uma urbanização que se deu semelhante as cidades do Cariri cearense com a presença de um pequeno grupo de dominadores e maior presença de trabalhadores escravizados para realização do trabalho, o que reflete na realidade com a formação de grupos soais do lugar.

A emancipação política de Assaré deu-se em 19 de julho do ano de 1865. Diante do processo de desenvolvimento do vilarejo, que foi crescendo, apresentando em suas memórias a origem de construção das residências com uso da taipa, uma tecnologia de base africana na construção de casas que foi originando as primeiras ruas e o centro urbano do lugar. O centro comercial passou a ser desenvolvido na área ao redor da igreja matriz de Nossa Senhora das Dores(1842), uma igreja construída no mesmo ano da barragem sendo conhecida na história do lugar enquanto uma construção europeia. Na atualidade, o centro da cidade, apresenta através de casarões que remetem século XIX.

Sobre a origem da técnica da taipa utilizada na origem das construções residenciais do vilarejo, conforme informa Cunha Júnior (2010) “Adobe, taipa de pilão, taipa de mão são técnicas construtivas com terra crua para casas e edifícios, encontradas em grande escala no período colonial, mas em uso até hoje, e que foram introduzidas e difundidas no Brasil pelos africanos”. Desta forma a necessidade de reconhecimento do desenvolvimento civilizatório da cidade, vinculado aos conhecimentos e cultura africana na produção das espacialidades urbanas do lugar. Entretanto, as construções na formação do bairro (alto do bangüê) foram construções que apresentam uso de técnica mais simples utilizada a taipa de mão na origem das primeiras construções na formação do bairro.

Segundo informa o Senhor Antonio Dias Ribeiro, um dos primeiros moradores do bairro, as primeiras construções naquela área, foram dos homens e mulheres trabalhadores na construção da barragem, pessoas mais humildes (baixo poder aquisitivo) passaram a concentrar suas residências em áreas próximas a barragem bangüê, por ser uma área rural(naquele período) próxima a cidade, uma área segregada e que tinha o valor da terra de fácil acesso. Assim, diante do acesso a essas terras, em que muitos desses trabalhadores receberam doação de terras para construções de suas casas ou por ser o local com o valor do aluguel de casas mais acessíveis, foi formando o que temos hoje, o bairro (Alto do Banguê). Em conformidade com Fani(2009) sobre a condição de acesso à terra. “A população mais pobre também procura as áreas mais distantes, mas por outros motivos: os terrenos são mais baratos, falta infraestrutura e existe a possibilidade de autoconstrução”. Deste modo sendo a área urbana da cidade representada através de desigualdades territoriais.

O crescimento populacional na área urbana da cidade a partir dos anos de 1950, relacionado ao aumento de construções de residência com ausência de saneamento, os esgotos passaram a desaguar no lençol freático da barragem que com o passar dos anos, suas águas tornaram-se impróprias para consumo, uma poluição que foi sendo intensificada tornando a água imprópria para uso humano. Por volta dos anos 1980 as pessoas já não consumiam mais as águas da barragem, sendo utilizada para higiene das residências e lavagem de roupas, o que já na década de 1990, foi proibido o uso daquelas águas para qualquer finalidade, sendo mais utilizado para produção agrícola. Nesse período a população começava a sentir os impactos

causados pela ausência de gestão daquelas águas. Diante da poluição, as lavadeiras foram proibidas em continuar com a lavagem de roupas naquele reservatório, os peixes começaram a morrer, causando grandes prejuízos para os moradores do bairro que utilizavam da pescaria para alimentação da família e sustento com a venda dos mesmos. A barragem Banguê existiu a disposição da população de Assaré de forma dinâmica do período que compreende os anos 1842 a 2017, ano de sua demolição.

Figura 03: A ação humana sobre a área onde existiu a barragem.



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

A imagem acima apresenta a atual situação da área onde existiu a barragem seu curso de águas, seus afluentes na formação da barragem, apresenta também a urbanização com ausência de planejamento nas construções em áreas que deveriam ser preservadas, contaminação e uso do solo no lençol freático da barragem, tornando suas águas impróprias para uso e consumo.

Em diálogo com antigos moradores do bairro, é possível identificar a relação de pertencimento com o lugar através da barragem. São pessoas que participaram do processo de formação e transformação da cidade com o uso da barragem de forma diversa, são pessoas que permanecem inseridas naquele espaço movido pelo afeto com o lugar e com as pessoas ali existentes em suas relações construídas ao longo da vida. Como apresenta Raffestin (1993). Não se trata do “espaço”, mas de um espaço construído pelo ator que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. Assim, durante entrevista concedida, o Senhor Antonio Martins em que reside no bairro por mais de 50 anos, o mesmo lamenta sentir-se impotente diante dos rumos que foram dados a barragem, através dos poderes do lugar em agir destruindo na demolição da parede, um reservatório permeado por sentimentos de pertença, relação social e identidade local, não sendo os moradores consultados diante das tomadas de decisões, nem considerando a relevância destes para a história do município.

Diante da ausência e efetivação de políticas ambientais no desenvolvimento do lugar, no ano de 2017, houve uma enchente na cidade, em que foram atingidas muitas residências localizadas em áreas impróprias, o então gestor do municipal resolveu demolir o que restava da Barragem, alegando a causa da enchente ser ocorrida pela presença da parede da barragem impedir a passagem do volume de água.

Figura 04: Imagem da barragem durante a enchente no ano de 2017



Fonte: arquivo dos pesquisadores

A imagem acima apresenta a área da barragem tomada pela ação antrópica, com construções de residências em local que deveria ser de preservação. Na ausência de informação da população sobre as questões relacionada a urbanização da cidade não foi realizado nenhuma manifestação contrária, apresentando a necessidade de estudo sobre a história e geografia do lugar, para compreensão do desenvolvimento das espacialidades na formação da cidade e dos bairros relacionada a questão social dos moradores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo aponta para a necessidade de planejamento das áreas urbanas, considerando as áreas de preservação e os recursos hídricos para garantia e continuidade da vida humana e ecológica do lugar. Propomos neste estudo um ensino de geografia refletindo sobre as formações geográficas espaciais do lugar considerando a importância e o protagonismo da população negra na formação das cidades que se mantém materializada nos traços arquitetônicos e história da origem civilizatória da cidade, com reflexões sobre às áreas que essas pessoas foram encaminhadas socialmente.

Amparado pelo que determina a lei 10.639/03 que alterou a lei 9394/1996 sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas práticas pedagógicas da educação básica, o ensino de geografia apresenta-se como essencial para construção crítica dos estudantes sobre a produção de conhecimentos das diferentes áreas do territórios e os povos participantes no desenvolvimento civilizatório do lugar, refletindo nos dias atuais na história, política, economia e cultura do lugar. Um ensino que promova um reflexão crítica sobre a forma de uso dos aspectos naturais na formação das espacialidades urbanas da cidade, em que os

estudantes compreendam o seu pertencimento identitário nesses espaços e a necessidade de uso destes de forma responsável.

Desta forma, pensar as memórias do lugar relacionadas aos antepassados que não foram tratados na história oficial, enquanto caminhos para conhecimentos, compreensão, preservação e continuidade da identidade do lugar na valorização da cultura e saberes de todos os povos que contribuíram para a formação do lugar. Diante do período em que se deu a construção da barragem sobre o domínio imperialista em que era naturalizado a escravização de pessoas com a exploração do trabalho não remunerado.

Durante realização da pesquisa observou-se que há um desconhecimento por parte da população sobre a origem e finalidade da construção da barragem para o desenvolvimento da cidade. Uma construção que alterou a geografia e história do lugar e que na atualidade não vem sendo tratada no ensino da geografia sobre os impactos decorrente da ausência de planejamento na urbanização da cidade com as crescentes construções em áreas de preservação assumindo o risco de danos maiores em período de chuvosos, sendo os moradores das áreas de preservação os maiores atingidos.

O estudo aponta para os impactos sobre ausência de planejamento das construções urbanas em todas as camadas da cidade, sendo os moradores das áreas com residência de menor estrutura os mais atingidos. A necessidade de efetivação das políticas ambientais no reconhecimento de áreas de preservação para manutenção da qualidade de vida e história das pessoas e do lugar. Um ensino que problematize o contexto de desenvolvimento das áreas urbanas do lugar, que tenha como parâmetro uma concepção antirracista capaz de desconstruir antigos conceitos alienantes, privilegiando o modo de ser e pensar colonial na produção da cidade.

6 REFERENCIAS

ALENCAR, Adauto. **Roteiro Histórico e Genealógico de Assaré – Ceará**. Crato: Ed. A Província, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

Cidades.ibge.gov.br. Histórico do município de Assaré. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/historico>. Acesso em: 1 nov. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias geográficas**; prefácio Milton Santos. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Africanidade, afrodescendência e educação**. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, 2001.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Bairros negros e cidades negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras nas histórias das cidades brasileiras.** *Revista Campo da História*, v. 8, n. 1, p. 273–286, 2023. DOI: <10.55906/rcdhv8n1-017>.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira.** Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

MELO, Antonio Crispim. **História do Assaré.** Crato: Gráfica Ábaco, 2019.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1980.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África.** Tradução Heci Regina Candiani; apresentação Ângela Y. Davis; introdução Vincent Harding, Robert Hill, Willian Strickland; posfácio A. M. Babu. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 5. ed., 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

SOUSA, Maria Ismênia Leite de; CUNHA JÚNIOR, Henrique. **A trajetória da dança do coco: memórias, africanidades e educação formal.** XIV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED. Crato, 2024.

SOUSA, Maria Ismênia Leite. **Dialogando sobre os marcadores sociais da diferença, gênero, raça e etnia na escola: práticas pedagógicas para uma educação inclusiva.** In: Araújo; Silva; Queiroz. **Diálogos interseccionais na educação: transgressões e deslocamentos.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2024, p. 101–119.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br>. Acesso em: 1 nov. 2024.